



RADAR MUNDO



Larry Downing/Reuters

Bill Clinton fez ontem, em Charlotte, as pazes com Obama e lançou o candidato democrata para os quatro anos.

1 EUA

Clinton empurra Obama para a reeleição à Casa Branca

O abraço entre Obama e Clinton, na convenção de Charlotte, selou a paz entre os dois presidentes e marcou a diferença entre democratas e republicanos. Se em Tampa, na semana passada, os republicanos confinaram o clã Bush a uma mensagem de vídeo gravada, os democratas deram o palco da convenção a Clinton durante uma hora a vivo e a cores.

A aposta – numa altura em que Obama volta a aparecer à frente nas sondagens para as presidenciais de 6 de Novembro – teve o efeito de um empurrão político ao candidato democrata à Casa Branca. “Nenhum presidente – nem eu, nem os meus antecessores – poderiam reparar completamente em apenas quatro anos os danos que ele [Obama] encontrou”, disse Clinton, dando a mão a Obama que esta semana reconheceu que merecia uma nota de “incompleto” pelo seu trabalho na economia. “Claro que estamos melhor que há quatro anos”, rematou o antigo presidente, numa altura em que os republicanos recuperam a pergunta de Ronald Reagan e os norte-americanos pensam para o ‘não’.

Clinton, acusado no passado de comentários racistas sobre Obama, liderou os EUA num dos períodos mais prósperos, quando o desemprego atingiu um mínimo de 4% e as finanças públicas registaram excedentes em qua-

tro anos. São estes os dois pontos fracos da governação de Obama, que está a ser capitalizada pelos adversários republicanos. O de-



JULIÁN CASTRO

Aos 37 anos, o ‘mayor’ hispânico de San Antonio, Texas, é uma das estrelas em ascensão no partido e dado como presidencial. “Romney não sabe como teve uma vida fácil”, disse na convenção, onde terminou com “Dios les bendiga”, em castelhano, em vez de ‘God bless you’.



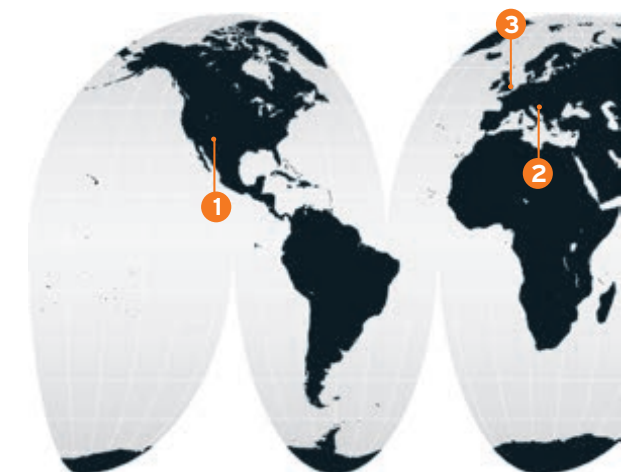
ELIZABETH WARREN

A candidata ao Senado por Massachusetts é a esperança da ala mais à esquerda dos democratas. “Depois de tudo, Mitt Romney diz que as empresas são gente. Não, governador Romney, não são gente”, disse na convenção.

sempre norte-americano atingiu hoje os 8,3% e a dívida bateu esta semana um recorde de 16 biliões de euros.

Clinton, que mesmo com o caso Lewinsky é hoje uma das figuras mais populares nos EUA, lembrou que desde 1961 as administrações republicanas criaram 24 milhões de empregos, um número muito inferior aos 42 milhões apresentados pelos democratas. “Os republicanos quadruplicaram a dívida pública nos oito anos antes de eu entrar no governo e duplicaram-na depois de eu sair”, acrescentou o presidente, que liderou a maior economia do mundo entre 1992 e 2000.

Depois de recordar que Obama deu emprego à sua mulher Hillary – actual Secretária de Estado –, Clinton selou a reconciliação e estreitou as diferenças, que existem sobretudo na área económica. Clinton ataca hoje os cortes de impostos sugeridos pelos republicanos, quando na década de 90 foi o principal defensor de cortes na despesa. “Se querem uma sociedade em que o vencedor fica com tudo então apoiem os republicanos. Se querem um país de oportunidade e responsabilidade partilhadas, uma sociedade de ‘estamos todos juntos nisto’, então votem em Barack Obama e Joe Biden”, rematou Clinton, num discurso entusiástico e muito aplaudido. ■



ANÁLISE ELEIÇÕES NOS EUA

“É estúpida, a classe média?”

ANA GOMES

Eurodeputada do PS, em Charlotte

Elizabeth Warren lecciona Direito Financeiro em Harvard. Desde há três anos entra pela TV em casa dos americanos e em sucessivas audições, como perita no Congresso, procura fazer compreender como o sistema de mercado está viciado pela desregulação; como é de casino o capitalismo degenerado pela financeirização da economia; e expor os gangsters na banca e no ‘big business’, em defesa dos consumidores, contra as invenções tóxicas dos especuladores.

Agora que concorre ao Senado, falou na Convenção Democrática da classe média e dos seus valores. Para essa mesma classe média que “não esconde dinheiro nas Ilhas Caimão para evitar pagar impostos”. Explicou como os republicanos querem obstruir o “Obamacare” (sistema saúde universal) para dar ganhos obscenos às seguradoras e cortar mais nos impostos “para os bilionários já taxados abaixo do que pagam as secretárias”. E como deixariam a classe média mais “maltratada, amachucada, quebrada”.

Foi também para a classe média que Bill Clinton veio a Charlotte desmontar a argumentação republicana e pedir “Mais Quatro Anos!” com Obama, para os americanos “sentirem” os “jobs” já a caminho, graças às suas políticas para recuperar do buraco fundo do legado Bush; e para lançar a prosperidade verde do futuro. Romney só oferecia mais das receitas desreguladoras e pró-super-ricos, que haviam gerado a crise.

“Para ele, o sucesso não é ganhar dinheiro, é fazer a diferença pelas pessoas”: Michelle Obama explicou assim por que o marido persevera nas políticas económicas e sociais, com um rumo estratégico para o país. Empolgou a Convenção, sem precisar de referir Romney ou

republicanos, bastando-se evocar os valores do trabalho, educação e solidariedade que propulsionaram a ascensão social da família Obama.

As sondagens dão os dois candidatos ainda a par, mas as propostas políticas não poderiam ser mais diferenciadas, com distintas consequências para o futuro dos EUA e do mundo. O “sonho americano”, por definição assente na classe média e na igualdade de oportunidades, pressupõe governo, regulação e justiça social. O projecto republicano, atizado pelo radicalismo com laivos racistas do Tea Party, anti-governo, anti-social e desregulador. A Convenção uniu e galvanizou o Partido Democrático mas cá fora o desafio passa por mobilizar as mulheres, os jovens e agregar as minorias afro e latinas. Está centrado nos “jobs”, ou seja, na recuperação da economia. Mas o slogan do passado – “It is the economy, stupid!” – converteu-se na pergunta: “Is the middle class stupid?”. ■

Foi também para a classe média que Bill Clinton veio a Charlotte desmontar a argumentação republicana e pedir “Mais Quatro Anos!” com Obama.



2 Hungria Líder diz 'não gosto' ao FMI no Facebook

15

mil milhões de euros é quanto Budapest está a pedir ao FMI. Mas as condições do Fundo, como o corte de pensões e o fim da taxa especial à banca, não são "aceitáveis", escreveu ontem Viktor Orban, no Facebook. "A este preço, não gosto", disse o primeiro-ministro.

3 Bélgica

Bruxelas suspeita de anti-dumping nas empresas chinesas de energia solar

A investigação formal às empresas chinesas de energia solar, lançada ontem pela Comissão Europeia, mereceu de Pequim uma classificação de "lamentável". Com as importações europeias a atingir os 21 mil milhões de euros nesta rubrica - a União Europeia (UE) é o maior cliente dos painéis solares chineses -, Bruxelas lança a maior investigação anti-dumping de sempre.

"A restrição dos painéis solares chineses irá prejudicar não só a indústria na China e na UE, como também destruir o desenvolvimento saudável do sector das energias renováveis no mundo", avisou ontem Pequim em comunicado.

Depois do pedido de insolvência da alemã Q-Cells, em Abril, a também alemã SolarWorld teve na origem da queixa à UE, alegando que os empresários chineses vendem os painéis solares abaixo do preço de custo. E a associação do sector EU ProSun, segundo o FT, estima que

a subvalorização dos preços ronde os 60-90%. Mas outras empresas europeias, de instalação dos painéis, avisam que só o livre comércio pode ajudar a UE a atingir uma meta de 20% de renováveis em 2020. Entre 2008 e 2011, os preços dos painéis caíram 75% segundo a EU ProSun.

A iniciativa europeia segue as passadas de Washington, que inclusive já accionou em Maio medidas anti-dumping contra os painéis solares 'made in China'. O mercado solar europeu é cerca de dez vezes maior que o norte-americano, mas nos últimos anos as empresas chinesas capturaram 80% da quota. A chinesa Trina

Solar atribui o sucesso a economias de escala e a contratos mais favoráveis na obtenção das matérias-primas. "Este caso pode representar uma marcha atrás de 15 anos", avisou Jodi Roussell, responsável da Trina ao FT. ■

